



ESTADO DE SERGIPE
 PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
 COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO

ELES FORAM "MEDIDOS" PELO IPEA, ESTÃO ENTRE OS MAIS POBRES DE TODO O BRASIL E SE ESPALHAM DE ARACAJU AOS DEMAIS MUNICÍPIOS EM 147 LIXÕES

■ À margem da estrada, uma mulher de meia-idade e um menino mirrado, dentro de uma carroça abarrotada de lixo, seguem as ruas do Bairro Santa Maria, em Aracaju, lentamente. A mulher é Maria de Fátima dos Santos, de 44 anos, catadora de lixo. O menino, um sobrinho dela. Menor. Castigada pelo sol, cansada e com pressa, essa Maria fala rápido.

Não gosta muito de contar a própria vida. Mas, aos poucos, vai detalhando a rotina diária. E que rotina a dessa mulher. Maria de Fátima dos Santos madruga quase todos os dias. Antes das 5 da manhã, ela faz café. Toma um gole, em pé mesmo, enquanto arruma a carroça e dá água ao burrico - seu velho companheiro de jornada. "O bichinho trabalha muito, precisa ser bem-tratado", admite com orgulho e respeito ao animal. Aliás, o burrinho é bem-nutrido.

E essa Maria continua. "Quando acordo, nem dá tempo de dizer bom-dia pro meu filho e pro meu marido. Eles ficam dormindo, dou beijo na testa e vou embora", diz. É hora de ir atrás de lixo. Então Maria de Fátima sai da casa onde mora, no Bairro Padre Pedro, pelas ruas de Capital, em busca de tudo o que pode ser reciclado, segregado: plástico, garrafa pet, embalagens, sacolas, papelão, latinhas, etc. De tudo o que vende, ela tira aproximadamente R\$ 300 por mês.

Sim, é verdade. "Mas ficar parada é pior", completa ela, resignada, após alguns segundos de silêncio. Para essas pessoas, o lixo traz dinheiro para o sustento delas mesmas e das próprias famílias. Geralmente, nos domicílios de catadores de material reciclado, moram de três a quatro pessoas - e ainda sobra espaço para um cavalinho.

No caso de Sergipe, trata-se, segundo o Ipea, portanto, de um universo com aproximadamente 14 mil pessoas sustentadas, de alguma maneira, pelos resíduos sólidos gerados diariamente por cerca de 2,2 milhões de pessoas. Só a Capital produz algo em torno de 338 toneladas de lixo por dia. Cada pessoa produz cerca de pouco mais de 1kg de lixo por dia.

A renda média mensal dos catadores sergipanos, em 2010, era de R\$ 425,88. Ou seja: 10% inferior ao salário-mínimo nacional, que era de R\$ 510. O que não difere da realidade de hoje. Depois de quase três anos, um catador continua ganhando menos de um salário-mínimo.

TIRAM VIDA E SUSTENTO DO LIXO

MAIS DE QUATRO MIL SERGIPANOS



MAIS POBRES DO BRASIL

Outro dado grave: o Nordeste é a região que apresenta o maior percentual de extrema pobreza entre os domicílios com pelo menos um (a) catador (a): 8,4% - valor que corresponde a quase o dobro da média nacional. Na verdade, todos os Estados da região possuem um índice acima da média nacional - perto de 5%. E Sergipe, com média de 15,5%, possui o pior índice. Ou seja: os catadores sergipanos são os mais pobres, os que sobrevivem na mais extrema pobreza, de todo o Brasil.

Esses sergipanos estão nas ruas (como autônomos), nas cooperativas (com alguma segurança) e nos lixões existentes em todos os 75 municípios do Estado. Aracaju, por meio de ações que rolam no Ministério Público do Estado de Sergipe - MPE/SE - há mais de 15 anos, conseguiu recentemente (ainda no primeiro semestre de 2013) fechar três desses lixões (os de São Cristóvão, de Nossa Senhora do Socorro e o do Santa Maria, na Capital).

Após o fechamento, e por meio de uma parceria público-privada, conseguiu-se instalar um aterro sanitário e uma unidade de transbordo. Mas isso apenas "soluciona" minimamente o problema da Capital. A parceria, com a Estre, uma multinacional com seis aterros no Brasil e um nos Estados Unidos, para construção desse aterro privado e dessa unidade de tratamento, possibilitará melhor utilidade do lixo.

"Ficamos três anos tentando convencer os governantes de Sergipe. Já é um avanço. Mas se formos falar de lixo, só para fazer uma comparação, aqui os municípios e os Estados pagam pra gente e pra outras empresas privadas, para que nós realizemos esse processo de tratamento do lixo. Nos EUA, a Estre compra toneladas diárias de lixo (a preços caríssimos) para tratar e reci-

Sem dúvida, é uma rotina dura. Quase desumana. E o mais cruel de tudo isso é que essa Maria de Fátima não está sozinha nesse drama de viver do que segrega. De viver dos favores do lixo. Na mesma situação dela, há nada menos que 4.081 outros sergipanos, todos tirando do lodo urbano a sustentação diária.

Segundo análise relevada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea - sobre catadores de lixo em todo o Brasil, existem exatamente esses 4.081 sergipanos cadastrados nessa profissão. Concluída neste ano de 2013, mas produzida a partir de 2012 e com base nos dados do Censo de 2010, a análise do Ipea traz dados de uma das profissões mais antigas, mais degradantes e desprezadas pela sociedade, a do catador de lixo.



OS 4.081 DAQUI

De um universo de 387.910 pessoas que se declararam catadoras e catadores em todo o território brasileiro, aproximadamente 30% se encontram na Região Nordeste - ou seja: 116.528 pessoas. Porém, esse valor pode estar abaixo do quantitativo real, em função de algumas dificuldades na coleta de dados durante a pesquisa do Censo. O Ipea aponta a possibilidade de um quantitativo entre 400 mil e 600 mil pessoas nessa atividade, considerado a partir de diversas fontes de dados sobre o tema.

Com precisão matemática, Maria de Fátima diz sobre a renda desses trabalhadores. "Ganhamos muito pouco".

clar. Lixo, se em-selecionado, limpo e pressado, dá dinheiro", an Francisco Aragão, Unidade de Sergipó, infelizmente, está ge de acontecer em

o procedimento industrial justo e moderno aplicado em Sergipe sobre os resíduos sólidos certamente geraria bem mais do que os 4.081 "empregos" insalubres que se espalham pelo Estado, levando risco à saúde e, sobretudo, à dignidade das pessoas.



147 LIXÕES

Em Sergipe, ainda existem ainda 147 lixões ativados, áreas sem nenhuma preparação anterior do solo ou tratamento

do chorume (líquido preto proveniente da fermentação do lixo em decomposição). Esses lixões são umas bombas. E apenas duas cooperativas de catadores de lixo (ambas localizadas na Capital) para reciclar todo o resíduo de Aracaju.

"Conseguir fechar os lixões da Grande Aracaju foi um avanço. O que o município e o Governo farão, daqui pra frente, é de competência dos órgãos responsáveis. Ao Ministério Público cabia a ação de fechar e, posteriormente, a de resgatar a área degradada. Por isso, as ações do MPE ainda continuam, até que esses terrenos sejam recuperados e não mais prejudiquem o meio ambiente", explica o promotor Rony Almeida.